

Domingo I do Tempo do Advento – Ano A – 30.11.2025

Início do novo Ano Litúrgico – Ano A



Viver a Palavra

«Chegou a hora de nos levantarmos do sono, porque a salvação está agora mais perto de nós do que quando abraçamos a fé». A urgência do tempo que passa convida-nos a colocar os pés ao caminho, a despertar da letargia que tantas vezes nos envolve e a abraçar a fé com redobrado vigor e renovada esperança.

Com este primeiro Domingo de Advento abre-se diante de nós um novo Ano Litúrgico e com ele a celebração do único Mistério de Cristo ao ritmo dos Tempos Litúrgicos, nas Solenidades e Festas do Senhor, na veneração da Virgem Santa Maria e dos Santos. Iniciar uma etapa nova é sempre ocasião para dar graças a Deus pelo dom do tempo que nos é oferecido como oportunidade de sermos mais e melhor, mas também tempo para estabelecer propósitos e compromissos. Por isso, louvemos o Senhor pelas maravilhas que Ele opera na nossa história e pensemos naquilo que nos queremos propor e comprometer neste percurso que somos chamados a percorrer na celebração dos mistérios da nossa fé.

«Vamos com alegria para a casa do Senhor». Somos convidados pelo salmista a caminhar na alegria e na esperança este tempo de Advento. O Senhor vem! Esta esperança é uma certeza, pois Ele veio, vem e virá. Já veio na humildade e na fragilidade da nossa natureza, assumindo a nossa humanidade no recém-nascido do presépio de Belém. Vem, porque em cada dia não cessa de vir ao nosso encontro e de operar as maravilhas do Seu amor. Virá no esplendor da Sua glória, como proclamamos no Credo da nossa fé, para instaurar os novos céus e a nova terra.

Alegremo-nos e exultemos porque o Senhor vem. Façamo-lo com a vigilância a que nos desafia Jesus no Evangelho: «Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor». É muito curioso o modo como Jesus se dirige aos seus discípulos no início do Evangelho: «Nos dias que precederam o dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca; e não deram por nada, até que veio o dilúvio, que a todos levou». Aparentemente nada vemos de mal: comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento. Não se fala de maldade nem violência, mas há um pormenor que não nos pode escapar: «não deram por nada». Jesus alerta-nos para o perigo da indiferença. Não basta não fazer o mal, não podemos viver indiferentes, devemos ter os olhos e o coração abertos ao mundo à nossa volta e agir em conformidade com os desafios que nos são colocados. Por isso, tempo de Advento é tempo de vigilância, tempo «de nos levantarmos do sono», tempo de despertar para viver animados pela verdadeira esperança que está fundada na fidelidade de Deus, mas que implica também a nossa responsabilidade.

«Vinde, subamos ao monte do Senhor, ao templo do Deus de Jacob. Ele nos ensinará os seus caminhos, e nós andaremos pelas suas veredas». Caminhemos animados pela esperança que nasce do encontro com Deus e que abre diante de nós caminhos novos onde a Sua Palavra são a luz que orienta os nossos passos tantas vezes vacilantes e titubeantes.

Atentos e vigilantes queremos despertar do sono, pois não esperamos um ladrão que vem para roubar, mas o Deus das surpresas que nada tira, mas tudo potencia e nos cumula de dons e de graças. Mas se queremos viver bem nesta atitude de espera vigilante, haveremos de o fazer como humanamente o fazemos tantas vezes, preparando a casa para aquele que queremos acolher. Que o tempo de Advento seja tempo de preparar o

+++++

Com o **primeiro Domingo de Advento** damos início a um novo ano litúrgico em que seremos acompanhados pelo Evangelista S. Mateus. Deste modo, como preparação para o novo ano litúrgico poderia ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Mateus. Uma catequese bíblica que ajudasse a entrar na estrutura e mensagem deste Evangelho, proporcionando a todos os fiéis um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura. Como guia de apoio nesta formação poderá ser útil o livro de D. António Couto: *Introdução ao Evangelho Segundo Mateus. in Voz Portuguesa*

Iniciamos em 30.11.2025 o Ano Litúrgico – Ano A – onde seremos acompanhados pelo evangelista Mateus. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do Ano Litúrgico pôde ser acompanhado como uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

E fizemos isso....

LEITURA I – Isaías 2, 1-5

CONTEXTO

Página 2 de 8

O carácter de Isaías pode conhecer-se suficientemente através da sua obra. É um homem decidido, sem falsa modéstia, que se oferece voluntariamente a Deus no momento do seu chamamento vocacional. Seguramente, faz parte dos notáveis do país: participa nas decisões relativas ao Reino, falando com autoridade aos altos funcionários (cf. Is 22,15) e mesmo aos reis (Is 7,10). É enérgico e nunca se deixa desanimar. É inimigo da anarquia (cf. Is 3,1-9); mas isso não significa que apoie as classes altas. Na verdade, os seus maiores ataques são dirigidos aos grupos dominantes: autoridades, juízes, latifundiários, políticos. É duro e irónico com as mulheres da classe alta de Jerusalém (cf. Is 3,16-24; 32,9-14). Defende com paixão os oprimidos, os órfãos, as viúvas (cf. Is 1,17), o povo explorado e desencaminhado pelos governantes (cf. Is 3,12-15).

Os últimos oráculos de Isaías são de 701 ou, talvez, de 689 a. C., alturas em que o rei assírio Senaquerib invadiu Judá e pôs cerco a Jerusalém. Isaías deve ter morrido poucos anos depois, embora não saibamos ao certo quando. Um apócrifo judeu do séc. I d. C. – “Ascensão de Isaías” – afirma que foi assassinado pelo rei ímpio Manassés.

O texto de Is 2,2-4 encontra-se – com algumas variantes e uma adição – em Mi 4,1-3, o que parece favorecer a hipótese de uma fonte comum, anterior a Isaías e a Miqueias, na qual os redatores dos dois livros se teriam inspirado (embora haja quem defenda, mais simplesmente, que o texto original é de Isaías e que Miqueias apenas o reproduziu com ligeiras variações).

Pelo conteúdo estamos, provavelmente, diante de um oráculo inspirado nas grandes movimentações de peregrinos que, por alturas das festas, sobem para Jerusalém. Imaginemos, como hipótese, que o poeta contempla, a partir do monte Sião, a chegada das caravanas que acorrem em peregrinação para celebrar uma festa popular – por exemplo, a festa das Tendas... Ele nota que essas caravanas procedem de todas as partes do território habitado pelo Povo de Deus; vê-as convergir para a cidade santa, subir pela colina em direção ao Templo onde reside Deus; à medida que se aproximam, o poeta ouve distintamente os “cânticos de ascensão” com que os peregrinos saúdam o Senhor e pedem a paz para Jerusalém e para toda a nação... Subitamente, na fantasia do poeta, a cena transforma-se: ele vê, num futuro sem data definida, uma multidão de povos de todas as raças e nações que, atraídas por Javé, se dirigem ao encontro da salvação de Deus. É, provavelmente, um “sonho” destes que dá origem a este oráculo escatológico. Estamos diante de um dos oráculos mais inspirados e mais belos de todo o Antigo Testamento. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A utopia sonhada pelo profeta Isaías começa a realizar-se em Jesus. Ele é a Palavra viva de Deus, que Se fez carne e veio habitar no meio de nós (cf. Jo 1,14), a fim de trazer a “paz aos homens” amados por Deus (cf. Lc 2,14). Da escuta dessa Palavra, nasce a comunidade universal da salvação, animada pelo Espírito e aberta a todos os povos da terra (cf. At 2,5-11). Se é verdade que esta “história de salvação” tem a marca da iniciativa divina, também é verdade que o homem tem de responder positivamente à ação de Deus: o profeta alude a gentes de todo o lado que, correspondendo ao apelo de Deus, se põem a caminho em direção ao “monte do Senhor”. Sim, Deus chama; mas aqueles que escutam esse chamamento têm de abandonar a vida cómoda em que estão instalados e partir ao encontro de Deus, dispostos a acolher a Palavra de Deus e a deixarem-se transformar por ela. Nós estamos precisamente a começar a nossa caminhada de advento. O caminho que temos à frente, nestes dias, leva-nos ao encontro de Jesus. Estamos dispostos a deixar para trás as nossas certezas, as nossas seguranças, os nossos cómodos espaços de conforto, os nossos velhos hábitos e preconceitos, para ir ao encontro de Jesus? Estamos dispostos a acolher Jesus na nossa vida, a escutar a sua Palavra, a aderir a essa proposta de vida que Jesus nos veio fazer? O que tencionamos fazer, nesta caminhada de advento, para que no nosso coração e na nossa vida haja espaço para Jesus?
- A verdade é que, mais de dois mil anos depois de Jesus, a utopia sonhada pelo profeta Isaías, parece absurdamente distante... A história dos homens continua a ser manchada pela violência, pelo ódio e pelo sangue derramado; a humanidade continua a recorrer à guerra e ao conflito para resolver os diferendos; a ambição dos grandes do mundo continua a lançar as nações umas contra as outras; o diálogo entre as nações e os acordos de paz parecem, tantas e tantas vezes, contaminados por um cinismo atroz; a injustiça e a exploração continuam a fazer crescer, a cada momento, o número de homens e mulheres condenados a uma vida sem sentido e sem esperança; milhões e milhões de homens e mulheres continuam todos os dias a ser atirados para fora da história e abandonados nas bermas da estrada que a humanidade percorre... Jesus falhou, ou somos nós que nos recusamos a acolher as indicações que Ele nos veio dar? O que é que está a impedir ou a atrapalhar a chegada desse mundo de justiça e de paz que Isaías anunciou? Qual a nossa responsabilidade pessoal no “adiamento” desse mundo novo de paz, de justiça e de fraternidade?

Que podemos fazer para que o sonho de Isaías – o sonho de todos os homens de boa vontade – se concretize? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 121 (122)

Refrão: Vamos com alegria para a casa do Senhor.

*Alegrei-me quando me disseram:
«Vamos para a casa do Senhor».
Detiveram-se os nossos passos
às tuas portas, Jerusalém.*

*Para lá sobem as tribos, as tribos do Senhor,
segundo costume de Israel, para celebrar o nome do Senhor;
ali estão os tribunais da justiça,
os tribunais da casa de David.*

*Pedi a paz para Jerusalém:
«Vivam seguros quantos te amam.
Haja paz dentro dos teus muros,
tranquilidade em teus palácios».*

*Por amor de meus irmãos e amigos,
pedirei a paz para ti.
Por amor da casa do Senhor,
pedirei para ti todos os bens.*

LEITURA II – Romanos 13, 11-14

Irmãos:

**Vós sabeis em que tempo estamos:
Chegou a hora de nos levantarmos do sono,
porque a salvação está agora mais perto de nós
do que quando abraçámos a fé.
A noite vai adiantada e o dia está próximo.
Abandonemos as obras das trevas
e revistamo-nos das armas da luz.
Andemos dignamente, como em pleno dia,
evitando comezainas e excessos de bebida,
as devassidões e libertinagens, as discórdias e os ciúmes;
não vos preocupeis com a natureza carnal,
para satisfazer os seus apetites,
mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo.**

CONTEXTO

Roma, a capital do império, era, na época de Paulo, uma cidade com cerca de um milhão de habitantes. Neste número estavam incluídos cerca de 50.000 judeus.

Não se conhece, com pormenor, a origem da comunidade cristã de Roma. Provavelmente, o cristianismo chegou a Roma levado por judeus palestinos convertidos a Cristo. Uma antiga tradição diz que foi Pedro quem anunciou o Evangelho em Roma, por volta do ano 42, e que da sua pregação resultou uma florescente comunidade cristã. No entanto, essa informação não é certa. Paulo, na carta que escreve aos cristãos de Roma, não lhe faz qualquer referência.

Paulo decide escrever aos cristãos da comunidade de Roma quando está prestes a terminar a sua terceira viagem missionária. Prepara-se para retornar à Palestina, onde vai entregar os donativos recolhidos em diversas igrejas do oriente, destinados a ajudar financeiramente os cristãos de Jerusalém. Sente, contudo, que terminou a sua missão no Mediterrâneo oriental, pois as igrejas que fundou e acompanhou estão organizadas e já podem caminhar sozinhas. Tem planos para se dirigir para ocidente, pensando inclusive em ir até à Espanha para aí anunciar o Evangelho (cf. Rm 15,24-28).

Dirigindo-se por carta aos cristãos de Roma, Paulo aproveita para estabelecer laços com eles e para lhes apresentar os principais problemas que o preocupam, entre os quais sobressai a questão da unidade (um problema que a comunidade cristã de Roma, afetada por dificuldades de relacionamento entre judeo-cristãos e pagano-cristãos, conhecia bem). Com serenidade e lucidez, evitando qualquer polémica, expõe-lhes as linhas mestras do Evangelho que anuncia. A Carta aos Romanos é uma espécie de resumo da teologia paulina. Estamos no ano 57 ou 58.

Na primeira parte da Carta (cf. Rm 1,18-11,36), Paulo vai fazer notar aos cristãos divididos que o Evangelho é a força que congrega e que salva todo o crente, sem distinção de judeu, grego ou romano. Embora o pecado seja uma realidade universal, que afeta todos os homens (cf. Rm 1,18-3,20), a “justiça de Deus” dá vida a todos, sem distinção (cf. Rm 3,1-5,11); e é em Jesus Cristo que essa vida se comunica e que transforma o homem (cf. Rm 5,12-8,39). Batizado em Cristo, o cristão morre para o pecado e nasce para uma vida nova. Passa a ser conduzido pelo Espírito e torna-se filho de Deus; libertado do pecado e da morte, produz frutos de santificação e caminha para a Vida eterna. Na segunda parte da carta (cf. Rm 12,1-15,13) Paulo, de uma forma bastante prática, exorta os cristãos a viverem de acordo com o Evangelho de Jesus.

O texto que hoje nos é proposto pertence à segunda parte da carta. Depois de exortar os cristãos que pertencem à comunidade de Roma ao amor mútuo (cf. Rm 13,8-10), Paulo deixa-lhes uma recomendação sobre a forma de esperar o Senhor que vem *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- O apóstolo Paulo deixa aos cristãos de Roma diversas recomendações para o caminho... Numa delas pede-lhes que abandonem “as obras das trevas” e se revistam das “armas da luz”. As sugestões de Paulo continuam válidas, vinte séculos depois. Em pleno séc. XXI há diversas nuvens sombrias a pairar sobre o mundo, a ameaçar as nossas vidas e pôr em causa o nosso futuro. Recorremos à guerra para resolver os conflitos e as diferenças entre os homens; continuamos a produzir armas de destruição maciça para “garantir a paz”; exploramos a natureza até limites impossíveis, degradamos o ambiente, colocamos em risco a sustentabilidade do planeta; multiplicamos as estruturas que produzem mentira, injustiça, exploração, opressão, sofrimento, morte; alimentamos visões egoístas da vida e deixamos para trás, abandonados na berma do caminho que a humanidade percorre, os mais frágeis, os mais necessitados, os mais pobres... Queremos mesmo continuar a construir uma história onde as “obras das trevas” têm tanta preponderância? Sentimo-nos, de algum modo, responsáveis pelo poder que as “obras das trevas” têm no nosso mundo e no destino de tantos homens e mulheres? Da nossa parte, o que podemos fazer para que as “obras das trevas” não atirem a humanidade para um beco sem saída?
- Paulo, a propósito de “abandonar as obras das trevas” também nos alerta para o nosso estilo pessoal de vida, para os nossos valores pessoais, para os “deuses” que colocamos no centro das nossas vidas, para as coisas a que damos importância primordial... Pede-nos, por exemplo, para evitarmos “as comezainas e os excessos de bebida, as devassidões e libertinagens, as discórdias e os ciúmes”. Ele está convicto de que tudo isso é incompatível com o viver “em Cristo”. Quando alguém opta por Jesus e se torna seu discípulo – Paulo chama a isso “revestir-se de Cristo” – afasta-se de tudo aquilo que contradiz a simplicidade, a integridade, a verdade do Evangelho. Na nossa vida pessoal praticamos as “obras da luz”? Quais são as nossas prioridades, os valores fundamentais que colocamos na base da nossa existência? O nosso estilo pessoal de vida é compatível com as exigências do Evangelho que Jesus nos deixou?
- Talvez sejamos pessoas generosas, de boa intenção e de boa vontade, que acolheram o chamamento de Jesus e que optaram por abraçar o projeto que Ele veio apresentar aos homens... No entanto, por mais verdadeira e sincera que tenha sido a nossa adesão a Jesus, temos que reencontrar-nos a cada passo com essa nossa opção inicial. Com o passar do tempo, com a monotonia, com o cansaço que a vida traz, com a preguiça que sempre nos espreita, temos uma tendência natural para “adormecer”, para cair no comodismo, na passividade, na inércia. Então, deixamos correr as coisas e o nosso compromisso com Jesus e o Evangelho vai-se esbatendo. É uma tendência natural, que é preciso contrariar. Por isso, Paulo diz-nos: “acordai!: renovai o vosso entusiasmo pelos valores do Evangelho; é preciso estar preparado – sempre preparado – para acolher o Senhor que vem”. Mantemo-nos atentos, despertos, vigilantes, a fim de que a nossa vida seja coerente com os compromissos que assumimos, enquanto discípulos de Jesus?
- Paulo, com os pés bem assentes na terra, reconhece as sombras que cobrem o mundo. No entanto, o olhar que ele lança sobre a história dos homens é um olhar de esperança: “o Senhor vem! A noite

vai adiantada e o dia está próximo”. Deus não nos abandona; Ele vem ao nosso encontro para nos libertar e para construir connosco um mundo novo de justiça e de paz. Neste tempo de advento, preparamo-nos para celebrar a vinda de Jesus à história dos homens. Por muito que nos inquietem as trevas que envolvem o mundo, a presença do Filho de Deus no meio de nós garante-nos que a injustiça, a exploração, o sofrimento, a morte não são o final inevitável deste caminho que estamos a percorrer. O mal não triunfará; a última palavra que a história vai ouvir é a Palavra libertadora e salvadora de Deus. Somos sustentados por esta esperança? Damos ao mundo e aos homens um testemunho de esperança? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Mateus 24, 37-44

**Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
«Como aconteceu nos dias de Noé,
assim sucederá na vinda do Filho do homem.
Nos dias que precederam o dilúvio,
comiam e bebiam, casavam e davam em casamento,
até ao dia em que Noé entrou na arca;
e não deram por nada,
até que veio o dilúvio, que a todos levou.
Assim será também na vinda do Filho do homem.
Então, de dois que estiverem no campo,
um será tomado e outro deixado;
de duas mulheres que estiverem a moer com a mó,
uma será tomada e outra deixada.
Portanto, vigiai,
porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor.
Compreendei isto:
se o dono da casa soubesse a que horas da noite viria o ladrão,
estaria vigilante e não deixaria arrombar a sua casa.
Por isso, estai vós também preparados,
porque na hora em que menos pensais,
virá o Filho do homem.**

CONTEXTO

Os capítulos 24 e 25 do Evangelho segundo Mateus apresentam o último grande discurso de Jesus antes da sua paixão e morte. Para compô-lo, Mateus reelaborou o chamado “discurso escatológico” de Marcos (cf. Mc 13), ampliando-o e mudando substancialmente o tema central: se no discurso transmitido por Marcos a questão principal é a dos sinais que precederão a destruição de Jerusalém e do Templo, no discurso reelaborado por Mateus a temática central é a vinda do Filho do homem e a forma como os discípulos de Jesus devem preparar essa vinda.

Esta mudança de perspetiva pode explicar-se a partir da situação da comunidade de Mateus no início da década de 80 do primeiro século (a época em que o Evangelho de Mateus é composto). Havia dez anos que Jerusalém tinha sido destruída pelas tropas de Tito e ainda não tinha acontecido a segunda vinda de Jesus. Os crentes estavam desanimados, desiludidos e acomodados... Mateus via com preocupação os sinais de relaxamento, de desleixo, de esmorecimento que iam aparecendo por todo o lado e sentia que era preciso reavivar a fé, a paixão por Jesus e pelo Evangelho, o compromisso com o Reino de Deus. Nas palavras que Jesus um dia dirigiu aos discípulos em Jerusalém, pouco antes da sua morte, a propósito do final dos tempos, Mateus encontrou uma mensagem desafiante, capaz de acordar os cristãos e de os motivar para uma vida mais comprometida.

A linguagem destes capítulos é estranha e enigmática... Trata-se, no entanto, de um género frequentemente usado por alguns grupos judeus e cristãos da época de Jesus. É a linguagem “apocalíptica”, porque o seu objetivo é “revelar algo escondido” (“apocalíptô”). Dirigido a comunidades que vivem numa situação de sofrimento, de desespero, de perseguição, o discurso apocalíptico propõe-se animar os crentes, dar-lhes esperança, mostrar-lhes que a vitória final será de Deus e dos que souberem manter-se fiéis até ao fim.

Uns dias antes da sua paixão e morte, Jesus e os discípulos tinham saído do Templo de Jerusalém e tinham parado a ver “as construções do Templo” (Mt 24,1). Por essa altura, as obras de ampliação e de restauração do templo, iniciadas no ano 19 a.C. pelo rei Herodes, continuavam (só foram concluídos por volta do ano 63 d.C.) e enchiam de admiração todos os que por ali passavam. A área do templo ocupava uma superfície

de mil e quinhentos metros quadrados e as pedras utilizadas na construção chegavam a ter vinte metros de comprimento. Coberto de mármore branco, o templo refletia os raios do sol e brilhava como uma joia preciosa. As portas tinham incrustações de ouro e no interior havia tapeçarias de linho finíssimo de cor azul, escarlate e púrpura. Jesus comentou: “vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra: tudo será destruído” (Mt 24,2). Depois, Jesus e os discípulos atravessaram o vale do Cedron e subiram o Monte das Oliveiras. Aí sentaram-se por um momento a descansar e a contemplar a cidade. Os discípulos, impressionados pelo comentário de Jesus, pediram-Lhe: “diz-nos quando acontecerá tudo isto e qual o sinal da tua vinda e do fim do mundo” (Mt 24,3). O “discurso escatológico” surge na sequência desse pedido.

O trecho que a liturgia deste domingo nos convida a escutar integra a segunda parte do “discurso escatológico” (cf. Mt 24,36-25,46). Aí Jesus refere-se, sobretudo, à forma como os seus discípulos devem viver enquanto esperam a vida definitiva do Senhor.*in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Os evangelhos registaram, de diversas formas, uma das mais profundas preocupações de Jesus em relação aos seus discípulos: que eles, com o decorrer do tempo, deixassem enfraquecer o entusiasmo inicial, perdessem a capacidade de se sentirem provocados pelo Evangelho, se instalassem numa fé “morna” e numa religião rotineira, se acomodassem numa “zona de conforto” sem exigência nem risco, cedessem ao facilismo e ao “deixa andar” da maioria. Por isso, Jesus não se cansava de recomendar-lhes: “vigiai”, “vivei despertos”, “estai sempre preparados”. Jesus tinha razão: o grande perigo que nos espreita é precisamente essa conformação e esse adormecimento que nos roubam a capacidade de sermos “sal da terra e luz do mundo”. O cansaço, a monotonia, a preguiça, o conformismo vão enfraquecendo a nossa decisão, o nosso compromisso, a nossa capacidade de dar testemunho profético e de nos empenharmos na construção do Reino de Deus. Enquanto discípulos de Jesus, enviados por Ele a anunciar e a construir o Reino de Deus, como nos sentimos: entusiasmados e comprometidos, ou acomodados e desanimados? Continuamos atraídos por Jesus e pelo seu projeto, ou vivemos distraídos por todo o tipo de questões secundárias? Ainda temos vontade de seguir atrás de Jesus e de viver ao seu estilo, ou vivemos tranquilamente e sem exigência, vogando simplesmente ao sabor da corrente?
- “Vigiar” é, antes de mais, vivermos atentos a Deus. É procurarmos a cada instante escutar o seu chamamento, os apelos que Ele nos faz, os desafios que Ele constantemente nos deixa; é encontrarmos tempo e espaço para dialogarmos com Deus; é procurarmos compreender a vontade de Deus a nosso respeito e obedecermos àquilo que Ele nos pede; é não permitirmos que outros deuses tomem conta do nosso coração e da nossa vida. “Vigiar” é não perdermos de vista Jesus, esforçarmo-nos por viver ao seu estilo, segui-l’O sem hesitações no caminho do amor e do dom da vida; é insistirmos em ver a vida como Jesus a via, em olhar os nossos irmãos com o olhar de Jesus, em compreender o mundo com a compreensão de Jesus; é nunca desistirmos de sonhar com Jesus o “sonho” do Reino de Deus e empenharmo-nos a cada instante em torná-lo realidade; é deixarmos-nos interpelar constantemente pelo Evangelho, assentarmos a nossa vida de todos os dias sobre os valores que ele aponta. Deus é, a cada instante, o centro da nossa existência? Vivemos constantemente atentos ao caminho que Jesus nos aponta?
- “Vigiar” é, também, “olhar com olhos de ver” o mundo que nos rodeia. Muitas vezes vivemos numa alegre inconsciência, anestesiados pelo nosso conforto e bem-estar, isolados no nosso pequeno mundo, sem repararmos nas realidades que nos cercam e sem nos preocuparmos com os problemas que afligem os nossos irmãos. Concentramo-nos apenas nos nossos interesses particulares, nas nossas preocupações pessoais, nos nossos projetos estreitos. Caminhamos indiferentes à sorte dos pobres, dos abandonados, dos “pequeninos”, daqueles cuja voz nunca se faz ouvir, daqueles que os acidentes da vida e a maldade dos homens atiraram para a berma da estrada da vida. Para não nos desgastarmos nem incomodarmos, preferimos ignorar tudo aquilo que desfeia o mundo e que traz sofrimento à vida dos homens. Jesus aprovaria uma opção deste tipo? Podemos alhear-nos das realidades do mundo e do sofrimento dos nossos irmãos como se isso não nos dissesse respeito?
- Começamos hoje a nossa caminhada de advento. Não se trata de um “caminho” geográfico, mas sim de um “caminho” espiritual. Ao longo deste “caminho” preparamo-nos para acolher o Senhor que vem. Nesta primeira etapa do caminho do advento, a palavra-chave que a liturgia nos propõe é “vigiai”. Não podemos continuar distraídos, a perder tempo com coisas sem valor, a enterrarmo-nos na lama dos caminhos que não levam a nenhum lado, a deixar-nos enredar em interesses mesquinhos e fúteis. Se insistirmos em continuar a olhar para o chão, provavelmente iremos passar

pelo Senhor que vem ao nosso encontro sem o reconhecer e sem o acolher. Talvez seja boa ideia fazermos uma lista das coisas que tolhem os nossos passos, que nos roubam a liberdade, que não deixam espaço no nosso coração para o Senhor que vem.... Comprometemo-nos a elaborar essa lista? Iremos cortar da nossa vida tudo aquilo que nos impede de caminhar ao encontro de Jesus?
in Dehonianos.

Para os leitores

A **primeira leitura**, embora não apresente nenhuma dificuldade aparente nas suas palavras e expressões, requer uma boa preparação para que a proclamação deste texto seja marcada pelo anúncio de esperança e pela promessa messiânica que nele está contido.

Na **segunda leitura**, deve ter-se em atenção as descrições com enumerações e o tom exortativo marcado pela presença de formas verbais no imperativo.